

GÊNEROS ACADÊMICOS EMERGENTES EM LIBRAS: POSSIBILIDADES, ADVERSIDADES E CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

64

Carlos Antonio Jacinto¹
Michelle Nave Valadão²

Resumo em Libras



<https://youtu.be/5PAI1DBO-g8>

Resumo

No contexto do Ensino Superior, as práticas de letramento acadêmico constituem-se como o meio de acesso e produção do conhecimento. Para o público Surdo, aparatos legais (BRASIL, 2002; 2005) apontam para a necessidade de adoção de mecanismos avaliativos em Libras, por esta tratar-se da sua primeira língua. Todavia, a produção de gêneros acadêmicos nessa língua demanda um aprofundamento crítico em termos de uso, normativas e critérios avaliativos. A partir disso, buscamos refletir e problematizar o processo de produção de dois relatórios de estágio em Libras por uma discente Surda no Ensino Superior, considerando aspectos de produção, normatização e avaliação. Os resultados indicaram, em ambos os casos, a ausência de adaptações metodológicas e didáticas que promovessem a inclusão reflexiva da Libras como língua acadêmica e instrumento avaliativo no processo de ensino-aprendizagem da estudante. Diante disso, destaca-se a urgência de investigações que considerem as produções acadêmicas em Libras e o seu potencial no processo educacional bilíngue dos discentes Surdos.

Palavras-chave

Surdez; Libras; Implante Coclear.

Recebido em: 14/07/2022
Aprovado em: 23/09/2022

¹Graduado em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), especialista em Libras (FAVENI) e em Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), mestre em Letras na área de Estudos Linguísticos (UFV) e doutorando pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professor na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no curso de Licenciatura em Letras-Libras. E-mail: carlos.antonio@ufjf.br

²Graduada em Fonoaudiologia pela Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP), especialista em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e Libras e em Linguística e Ensino de Línguas, mestre e doutora em Neurociências e Ciências do Comportamento pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP). Atualmente é professora associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Diretora de Programas Especiais da Pró-Reitoria de Ensino da instituição. E-mail: michelle.nave@ufv.br

EMERGING ACADEMIC GENRES IN LIBRAS: POSSIBILITIES, ADVERSITIES AND CONTRADICTIONS IN THE PRODUCTION OF INTERNSHIP REPORTS

Abstract

In the context of Higher Education, academic literacy practices constitute the means of access and production of knowledge. For the Deaf public, legal apparatuses (BRASIL, 2002; 2005) point to the need to adopt evaluation mechanisms in Libras, as it is their first language. However, the production of academic genres in this language demands a critical deepening in terms of use, regulations and evaluative criteria. From this, we reflect and problematize the production process of two internship reports in Libras by a Deaf student in Higher Education, considering aspects of production, regulation and evaluation. The results indicated, in both cases, the absence of methodological and didactic adaptations that promoted the reflexive inclusion of Libras as an academic language and an evaluation instrument in the student's teaching-learning process. In view of this, stands out the urgency of investigations that consider academic productions in Libras and their potential in the bilingual educational process of Deaf students.

Keywords

Academic Literacy; Deaf; Libras; Emerging genres.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento linguístico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) está imbricado com as constantes e gradativas mobilizações da Comunidade Surda³ brasileira. A fim de alcançar a valorização da língua e a legitimação de sua realidade bilíngue e bicultural, esses movimentos sociais levaram ao reconhecimento da Libras como língua proveniente da Comunidade Surda com a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) e, anos mais tarde, sua regulamentação pelo Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005).

Ainda em termos de políticas públicas, outro marco relevante é que, a partir de dezembro de 2016, o ingresso e a matrícula de alunos com deficiência foram endossados pela Lei nº 13.409 (BRASIL, 2016), que alterou a Lei nº 12.711 (BRASIL, 2012), assegurando a reserva de vagas em cursos, nos âmbitos das Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Técnico de Nível Médio, para candidatos autodeclarados pretos, pardos, indígenas e por pessoas com deficiência.

As conquistas descritas resultaram no expressivo aumento do número de Surdos matriculados no Ensino Superior (VALADÃO *et al.* 2017; JACINTO, 2020). Em consequência, pelo menos em termos legais, este público tem assegurado o direito de acesso à Educação Superior. Contudo, uma vez concretizado o direito ao acesso, é primordial que as Instituições de Ensino Superior (IES) busquem também formas de propiciar, de fato, a permanência desses sujeitos, posto que o ingresso implica em medidas institucionais que favorecem o desenvolvimento acadêmico, oferecendo uma formação de qualidade.

Além das questões de ordem legal, a permanência dos Surdos carece de mudanças institucionais e ações práticas voltadas para o rompimento de qualquer tipo de barreira (ROCHA; MIRANDA, 2009). Ou seja, essas implicações envolvem considerar sua realidade bilíngue e bicultural, bem como o papel da Libras como língua de significação e interação desse grupo (FERNANDES; MOREIRA, 2017).

Apesar de as políticas linguísticas da Comunidade Surda pontuarem para a necessidade de mecanismo avaliativos em Libras (BRASIL, 2005), no contexto

³ O termo “Surdo”, grafado com a inicial maiúscula, refere-se ao indivíduo que, em virtude da perda auditiva, não se caracteriza pela sua deficiência, mas por sua condição de pertencimento a um grupo linguístico e cultural minoritário (BISOL; SPERB, 2010).

da Educação Superior brasileira, observa-se que o bilinguismo de surdos (e também de minorias) ainda é pouco debatido, por mais que este seja um pressuposto básico para o ensino de Surdos. Consequentemente, na prática, tem-se a sobreposição e a hegemonia da Língua Portuguesa (LP), especialmente em relação aos materiais didáticos e aos métodos avaliativos.

A partir desse contexto de mudanças ainda recentes, este estudo visa refletir sobre o processo de letramento acadêmico de Surdos, pautando-se, mais especificamente, em sua primeira língua (L1), a Libras. Para tanto, descreve os processos de normatização, produção e avaliação de dois relatórios de estágio produzidos por uma estudante Surda, em um curso de Licenciatura em Educação do Campo de uma IES da Zona da Mata Mineira.

PROCESSO FORMATIVO DE SURDOS E A NECESSIDADE DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM LIBRAS

Embora se reconheça a importância do bilinguismo na educação dos Surdos, seus direitos, na prática, ainda são negados. Além disso, os contextos de bilinguismo de minorias na Educação Superior, tais como os de indígenas, refugiados e Surdos, não têm recebido a devida atenção. O que temos constatado é a sobreposição da LP em relação às outras línguas que circulam nesse espaço. Frente a tradição logocêntrica do espaço acadêmico, é possível verificar que, ao longo dos anos, as práticas orais e de escrita em LP foram se perpetuando e se validando como os meios mais privilegiados e legitimados de aquisição e promoção de conhecimento (PEREIRA; MUNIZ, 2015). Todavia, após o ingresso de acadêmicos Surdos, esse tipo de situação fica evidente, exigindo que esse contexto seja problematizado e reconfigurações sejam propostas.

Tendo essa discussão como pano de fundo, são requisitadas das universidades mudanças institucionais, de modo a se alcançar uma educação bilíngue, que oportunize o acesso e a produção de conhecimento em Libras (FERNANDES; MEDEIROS, 2017). No entanto, temos de problematizar também que, por mais que atualmente se reconheça a Libras como língua de instrução e significação dos Surdos, em contexto acadêmico, ela ainda não ocupa papel de destaque, e, dessa forma, as produções orais e escritas em LP mantêm-se como meio privilegiado de comunicação (PEREIRA; MUNIZ, 2015; 2017).

Consequentemente, a situação dos Surdos no ambiente universitário tem evidenciado que o bilinguismo vivenciado por eles subalterniza a Libras, haja

vista a hegemonia ocupada pela LP nas práticas de interação, nos diferentes gêneros acadêmicos que circulam nesse espaço – a exemplo de artigos científicos, resenhas, resumos -, e o uso dessa língua como principal forma de acesso ao conhecimento formal e meio de avaliação (FERNANDES; MEDEIROS, 2017). Nesses casos, é demandado dos aprendizes a inserção em práticas de letramentos nas quais os gêneros acadêmicos sejam mobilizados.

Atualmente, o conceito de letramento vem sendo amplamente discutido no campo do ensino e aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira, em áreas como Linguística e Educação. Nesse sentido, quando se fala em letramento, é impossível fazer qualquer discussão sem considerar as reflexões propostas pelos Novos Estudos do Letramento (NEL), em especial as proposições feitas por Street (2014). O autor propôs que os estudos do letramento pudessem ser analisados sob duas óticas distintas: uma denominada de modelo autônomo e a outra de modelo ideológico de letramento.

Street (2014) critica firmemente o primeiro modelo. Nele, o letramento é entendido apenas como uma técnica ou habilidade a ser dominada pelo aprendiz, assumindo uma visão única de letramento e desvinculado de seu contexto social e de circulação. Em vista disso, o autor propõe a necessidade de que se adote um modelo de letramento ideológico, no qual se considera que os letramentos estão envoltos em práticas sociais atreladas à escrita em diversificados contextos, em termos de práticas concretas e sociais, às comunidades e culturas distintas, onde se fazem presentes questões ideológicas, identitárias, culturais e relações de poder (STREET, 2014).

Conforme Street (2014), uma maneira de rechaçar o letramento autônomo é conceber a natureza social do letramento, além de reconhecer a multiplicidade de práticas de letramento. Assim, o autor se mostra contrário ao letramento com L maiúsculo e no singular, que vê o letramento como único e neutro, e adota o conceito de práticas de letramento. Na abordagem de práticas de letramento adota-se a noção de língua como “real”, ou seja, envolve entender que “a leitura e a escrita são inseridas [...] em práticas sociais e linguísticas reais que lhes conferem significado” (STREET, 2014, p. 19). É mediante essa caracterização que se destaca o caráter social e múltiplo dos letramentos (STREET, 2014).

Dentre a multiplicidade de letramentos concebíveis, destacamos, para o contexto universitário, a existência do letramento acadêmico. Especificamente sobre essa demanda, há uma preocupação constante relacionada às práticas

letradas vivenciadas no âmbito universitário, uma vez que, historicamente, considerou-se a escrita e a leitura em termos de *déficit* (LEA; STREET, 2006). Intentando superar essa visão, ainda dentro dos estudos do NEL, Lea e Street (1998; 2006) apresentam que a escrita acadêmica seja compreendida por meio da contemplação e complementação de três modelos denominados de: modelo das habilidades de estudo, modelo de socialização acadêmica e modelo dos letramentos acadêmicos.

O primeiro modelo compreende o letramento como uma junção de habilidades individuais e cognitivas que os acadêmicos precisam se apropriar, podendo, após essa aquisição, transferi-las para outros contextos e campos do saber. Para o modelo da socialização, tem-se no professor a figura central, responsável por conduzir os estudantes aos comportamentos esperados no contexto acadêmico, comportamentos tais como o jeito de falar e compreender as práticas de leitura que são valorizadas em um componente curricular ou área de estudo. Nesse modelo, o objetivo é desenvolver um acultramento com relação aos gêneros acadêmicos, pois assim que os estudantes se apropriam e reconhecem a composição e especificidades deles, estão capacitados para vivenciarem as práticas de uso desses gêneros nessa esfera.

Finalmente, o modelo do letramento acadêmico, que embora apresente algumas semelhanças ao modelo anteriormente descrito, se diferencia por considerar que leitura e escrita são práticas sociais e permeiam as várias esferas do contexto acadêmico. Assim, para o modelo do letramento acadêmico, o foco está na percepção dos sujeitos que estão imbricados nesses contextos, tais como estudantes e professores. Para isso, considera-se questões como o papel e a valorização ou não da escrita pelos sujeitos, a existência de relação de poder, as identidades sociais, as histórias de vida dos sujeitos, além das consequências do processo de aculturação dos alunos que passam a utilizar esse novo discurso. Esses três modelos não se excluem, mas precisam ser considerados como complementares, visto que o aluno precisa conhecer as demandas de leitura e produção textual para estar apto a participar delas, sem, no entanto, deixar de lado e desconsiderar sua identidade e as experiências de letramento anteriormente vivenciadas

Mediante a essas reflexões, e considerando a complexidade atrelada aos diferentes letramentos possíveis, considera-se que as práticas de letramento acadêmico se voltam para os diferentes usos e múltiplas significações que os

estudantes fazem a partir das várias funções da leitura e produção textual no ambiente acadêmico (FISCHER, 2008). Portanto, compreende-se que para ser academicamente letrado é exigido desses estudantes operar diferentes estratégias na compreensão e no uso das múltiplas formas de linguagem adotadas no âmbito universitário (FISCHER, 2008).

Cabe refletir que os gêneros acadêmicos se constituem na forma mais eficaz de acesso e produção de conhecimento no ambiente universitário, sendo adotados também como um meio para se avaliar o processo de ensino-aprendizagem (FERNANDES; MEDEIROS, 2017). Dessa forma, oportunizar aos alunos Surdos o acesso aos gêneros que circulam na esfera acadêmica deve partir de ações reflexivas e com propósitos bem definidos, seja na L1 ou na L2.

Ademais, considerando que o acesso às universidades pelos Surdos, de maneira massiva, ainda é recente, podemos perceber que os gêneros acadêmicos que são mobilizados nesse contexto ainda não possuem seu correspondente em Libras com a mesma estabilidade que se observa nas produções em LP, tratando-se de gêneros emergentes. Em vista disso, pressupomos que somente após a produção acentuada de textos e de materiais sinalizados é que essa estabilidade acontecerá, e tudo isso só se tornará realidade quando houver a possibilidade de que os Surdos produzam e divulguem seus textos originais em Libras.

Por fim, argumentamos, conforme reivindica Silva (2019), que a educação de Surdos deva envolver, de forma reflexiva, o uso articulado de diferentes modos de significação e de comunicação, extrapolando o texto oral e escrito e considerando as potencialidades da Libras como língua de significação. Assumimos que apenas após a constatação da pluralidade de práticas de letramento vivenciadas pelos Surdos é que os outros letramentos serão legitimados e não mais marginalizados nos contextos acadêmico e escolar (PEREIRA; MUNIZ, 2015).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Amparada em uma abordagem qualitativa de pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 2017), esta investigação consiste em um estudo de caso que, na concepção de Yin (1989, p. 23), pode ser descrita como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente”. Se constitui em um

tipo de investigação que aborda um caso particular dentro de um contexto específico e real (PAIVA, 2019).

Sobre o campo de atuação e observação, a prática aqui analisada constituiu-se como uma das dinâmicas desenvolvida ao longo de dois semestres letivos de monitorias implementadas no projeto de extensão “Alfabetização e Letramento na Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas” – ALUPI. O projeto foi criado em 2015, a convite da Pró-Reitoria de Ensino (PRE), a partir da matrícula de uma estudante Surda que encontrava-se em processo de aquisição tardia da Libras e da LP, e havia vivenciado uma educação básica que desconsiderou os pressuposto de um ensino bilíngue, uma vez que a estudante concluiu seu processo formativo básico antes da publicação de algumas políticas linguísticas, a exemplo da Lei de Libras (BRASIL, 2002).

No projeto em questão, a partir da composição de uma equipe multidisciplinar de docentes e discentes da instituição, ao decorrer dos seus oito anos de existência, atuamos a partir de três frentes de atuação: 1) aquisição e letramento em Libras como primeira língua (L1); 2) práticas de letramento em LP escrita como segunda língua (L2); e 3) aquisição e prática de conteúdos acadêmicos referentes ao curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Na fase final do projeto, em um período de dois semestres, realizamos monitorias semanais com uma carga horária de 12 horas com base nas diferentes demandas ligadas ao estágio supervisionado, ou seja, leituras, discussão das observações, planejamento de regências de estágio e produção de relatório de estágio em Libras e em LP. Em termos de execução, as monitorias eram realizadas diretamente em Libras sem a mediação de Tradutores e Intérpretes de Libras, uma vez que o monitor responsável era bilíngue.

A partir dessa descrição, neste texto, buscamos caracterizar e compreender como ocorreu o processo de dois relatórios de estágio em Libras, pontuando sua complexidade em termos de produção e avaliação. Em termos de investigação, empregamos: observação participante, diário de campo, análise documental dos relatórios e entrevista semiestruturada. De acordo com Yin (2015), a combinação de diferentes fontes de coleta de dados, no estudo de caso, possibilita ao pesquisador abordar questões históricas, comportamentais e atitudinais dos colaboradores e do contexto investigado.

Vale ressaltar que a produção dos relatórios ocorreu como requisito para a conclusão dos estágios supervisionados, os quais serão descritos abaixo.

Ademais, as professoras responsáveis pela supervisão e pelas disciplinas acadêmicas de estágio, possuíam formação e atuavam na área da educação de Surdos, além de comporem a equipe do ALUPI. Logo, por haver na equipe docente professoras sinalizantes, foi possível que a acadêmica Surda produzisse e concluísse os instrumentos avaliativos da disciplina em Libras.

A PRODUÇÃO DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO EM LIBRAS: COMPLEXIDADES ATRELADAS A SUA PRODUÇÃO E AVALIAÇÃO

No que se refere aos gêneros produzidos, destaca-se que por se tratar de um componente curricular referente ao estágio supervisionado, espera-se que as reflexões da academia estejam relatadas e presentes na forma de um relatório final de estágio. A produção dos relatórios objetivava a descrição e a reflexão acerca da aplicação das regências de Ciências, no estágio 01, no Ensino Fundamental II, e regências em turmas de Física, Química e Biologia, no Ensino Médio, para o estágio 02.

Para a produção do primeiro relatório, aquele referente ao estágio 01, cabe pontuar que a professora responsável havia se posicionado a favor de avaliar a estudante Surda por meio de um relatório em Libras e também seu correspondente em LP, equivalentes a 70% e 30% da nota, respectivamente. Como justificativa, valeu-se da Lei de 2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a Libras como língua da Comunidade Surda, mas enfatiza que esta não poderá substituir a modalidade escrita da LP, sendo necessário a produção também do relatório em LP pela estudante Surda.

Em uma reunião de orientação, a docente destacou que “alunos Surdos e ouvintes têm os mesmos direitos e deveres na universidade”, o que, para ela, significaria que a “estudante Surda teria a mesma carga horária de regência e observação, além de também produzir relatório final de estágio”, sendo que, em sua percepção, “a única diferença seria a língua utilizada nessa produção e as metodologias que seriam empregadas ao longo do processo”, ou seja, Libras para Surdos e LP escrita para estudantes ouvintes.

Com base nessa fala, nossa reflexão possibilita o entendimento de que, ao mesmo tempo que a professora reconhece que somente a língua seria a diferença no estágio de estudantes ouvintes e da estudante Surda, solicita que a estudante produza, de modo complementar, um relatório em LP. Em outros termos, reconhece-se a Libras, mas ela aparentemente não é o suficiente para a avaliação

das reflexões do estágio. Ao que tudo indica, assim como problematizado por Quadros (2012), parece que as atuais políticas de bilinguismo de Surdos se ocupam em assegurar a permanência e a hegemonia da LP no percurso educacional dos Surdos.

Concordamos com Taveira e Rosado (2018, p. 524), quando apontam para a existência de “oscilações na valorização e desvalorização da produção acadêmica em língua de sinais e um reforço constante de que os alunos surdos precisariam se comprometer mais com o português escrito [...]”. É inegável que na educação de Surdos ainda há uma aparente divergência entre o papel de ambas as línguas no contexto educacional, seja em termos de avaliação ou de comunicação.

Não estamos advogando a favor da eliminação de toda e qualquer forma de avaliação em LP. No entanto, consideramos a pertinência de que haja a reflexão, por parte dos docentes, sobre a relevância ou não do uso da LP escrita como critério avaliativo quando o objetivo não é de se avaliar necessariamente a proficiência na língua, mas analisar a capacidade de reflexão e avaliação crítica dos discentes acerca do processo de observação e aplicação de regência no estágio supervisionado. Ressaltamos que a “Libras também se constitui como fonte de enunciação de gêneros textuais” acadêmicos (FERNANDES; MEDEIROS, 2017, p. 105), sendo de crucial importância que sua inserção reflexiva no processo de significação e avaliação dos discentes Surdos.

Acerca do processo de elaboração do relatório de estágio em Libras, inicialmente, realizamos discussões referentes às observações das aulas acompanhadas ao longo das monitorias semanais. Após, essas considerações eram anotadas na lousa, de modo a se propor uma padronização das informações que constariam nos vídeos. Essa padronização foi elaborada com base nas orientações dadas pelos professores no manual de elaboração do relatório final.

Sobre essas orientações do manual, convém destacar que todas as considerações trazidas se referem à produção do relatório final em LP, considerando informações que deveriam ser discutidas em cada seção, além de questões envolvendo a formatação textual, assim como pode ser observado nas figuras abaixo.

Figuras 1 e 1.1: Normativas para a produção do relatório de estágio 01

SUMÁRIO	4. REFERÊNCIAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução – de onde venho 2. Minha caminhada formativa no Estágio Supervisionado III <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Processos educativos na o o Estágio Supervisionado III 2.2. As leituras o o estágio supervisionado III 2.3. A chegada à escola → 2.4. As observações no Ensino Médio → 2.5. As regências no Ensino Fundamental 2.6. Reflexões sobre o ensino de ciências na Educação do Campo 3. Considerações finais – para onde vou 4. Referências 5. Anexos 	<p>4. REFERÊNCIAS</p> <ul style="list-style-type: none"> ✦ Citar, SOMENTE a bibliografia utilizada no desenvolvimento deste memorial: livros (capítulos de livros), artigos, monografias, material da internet, apostilas, vídeos, etc. ✦ Citar, em ordem alfabética, todos os tipos de fontes consultadas para o trabalho. ✦ As referências bibliográficas deverão ser feitas de acordo com as regras da ABNT 6023 <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar papel branco, A4. • Fonte ARIAL ou Times New Roman, estilo normal, tamanho 12. • Todas as letras dos títulos dos capítulos devem ser escritas na margem esquerda de cada página, em negrito e maiúsculas, tamanho 14. • O espaçamento entre linhas deve ser 1,5. Nas referências bibliográficas, o espaçamento entre uma obra e outra deve ser duplo. • O início de cada parágrafo deve ser recuado de primeira linha da margem esquerda.

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dessa imagem, constatamos que as orientações fornecidas foram relacionadas especificamente à produção do relatório escrito em LP, trazendo os componentes do relatório e questões de formatação. Identificamos também a inexistência de orientações quanto à produção do relatório em Libras e que, como vimos, corresponderia a 70% da nota final. Frente a isso, por não haver nenhuma orientação quanto às normativas de produção do relatório de estágio em Libras, somente consideramos questões conceituais que deveriam constar no relatório e optamos por realizar as gravações dos vídeos sínteses das observações e disponibilizá-los na nuvem de armazenamento virtual, preocupando-nos apenas com questões como iluminação, enquadramento e padronização das informações relatadas nos vídeos.

Por meio desse acontecimento, evidenciamos que a Libras foi adotada nesse contexto de avaliação. No entanto, a inserção da língua não envolveu um processo reflexivo acerca de como essa língua passaria a compor o componente curricular, inexistindo critério de produção e avaliação desse relatório sinalizado para a componente curricular analisada. Logo, por mais que a Libras ocupasse o espaço acadêmico e fosse adotada no processo de reflexão e avaliação da estudante Surda, Libras e LP parecem ainda não estarem em plenas condições de igualdade.

Dialogando com essa ideia, Silva (2017, p. 108) problematiza que, no contexto escolar e acadêmico, em seu “modo de registro acadêmico, em muitos casos, a Libras ainda enfrenta limitações quanto à importância de seu uso, reconhecimento e consolidação”. Segundo o autor, uma das justificativas dessa

ausência de reconhecimento é decorrente da insipiência de materiais didáticos voltados para a compreensão dos gêneros produzidos em língua de sinais, em diferentes contextos. Diante disso, Silva (2019) afirma que 95% dos docentes e profissionais da educação não se empenham no estabelecimento de diálogos e discussões no sentido de possibilitar a criação de materiais didáticos voltados à produção de trabalhos acadêmicos em Libras com a mesma credibilidade equivalente a que se assume nas produções de gêneros em LP, fato esse semelhante ao de nossas observações.

No tocante às produções acadêmicas sinalizadas, convém ressaltar que algumas instituições têm se dedicado a inserção da Libras nesse processo de produção de conhecimento e avaliação, concebendo a produção de gêneros sinalizados e normativas que as orientem. Dessas possibilidades, destacam-se os trabalhos produzidos e divulgados pelo Grupo de Pesquisa Vídeo-Registro em Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse grupo de pesquisadores, instituído em 2010, tem como objetivo refletir e apresentar uma normatização de trabalhos acadêmicos de pessoas Surdas (MARQUES; OLIVEIRA, 2012).

De modo analógico à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e fundamentando-se nesta, foi elaborada por esse grupo as normas técnicas utilizadas na Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras, possibilitando estabelecer regras para as produções acadêmicas em vídeo-registro, que por meio das características visuais-espaciais da língua possibilita a sistematização, a consolidação e a divulgação das produções acadêmicas em diferentes áreas de conhecimento. Essas regras de normatização envolvem questões como: iluminação, fundo, vestuário, posição de filmagem, título, autor, tradutor, resumo, sinais principais, *abstract*, citações, rodapé, tempo e tamanho do artigo (MARQUES; OLIVEIRA, 2012).

Além da UFSC, outra instituição que tem recebido destaque é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), especialmente com as práticas de letramentos acadêmicos adotadas no curso de Pedagogia Bilíngue. Essa instituição possibilita a produção de monografias em Libras por estudantes Surdos e ouvintes. Assim como na Revista de Vídeo-Registro, para a produção das monografias sinalizadas há a oferta de um manual de normativas, orientando as produções de monografias em Libras e em LP (TAVEIRA; ROSADO, 2018).

Apesar da existência dessas possibilidades, ressaltamos que essas instituições são referência na Educação de Surdos no país, e ambos possuem a Libras como língua de instrução, além de professores Surdos e ouvintes especialistas na Educação de Surdos. Mediante isso, infelizmente, sabe-se que essa ainda é a realidade de pouquíssimas Instituições de Ensino Superior (IES) no país. Contudo, se esse tipo de reflexão não for iniciada em instituições nas quais haja Surdos matriculados, a Libras não ocupará, nesses espaços, a função de língua acadêmica.

Sobre o relatório produzido para o segundo estágio, em uma reunião de orientação com a docente responsável, esta informou que solicitaria somente o relatório por meio de vídeo-registro em Libras. Para sua elaboração, a professora destacou que fosse entregue um único vídeo final e este deveria ser editado e seguir as orientações fornecidas no guia de produção do relatório final de estágio.

Observamos que todas as orientações presentes no material, assim como no relatório anterior, referem-se aos conteúdos e reflexões que deveriam estar presentes, além de questões atreladas à revisão e à formatação textual. No caso do relatório em Libras, além das normativas gerais, a única instrução fornecida pela docente foi em relação à necessidade de que todo esse material fosse editado e condensado em um único vídeo.

Devido à ausência de normativas e orientações sobre a produção do relatório, seguimos os mesmos passos que foram adotados no relatório anterior, envolvendo: o registro das informações e observações do estágio na lousa; a sistematização e padronização das informações solicitadas no manual de estágio; a gravação dos vídeos em Libras; a avaliação linguística e conteudista dos vídeos produzidos; e a postagem no ambiente de armazenamento virtual. Após todas essas etapas, os vídeos foram editados através de um programa de edição, inserindo títulos, imagens e seguindo a ordem de produção conforme o manual de orientações.

Um entrave observado foi, de início, o desconhecimento da estudante Surda sobre programas de edição de vídeo, sendo necessária a identificação e mapeamento de possíveis ferramentas gratuitas na internet. Uma característica importante das produções acadêmicas sinalizadas é que, em virtude da característica visual-espacial da Libras, essas produções só podem ser registradas mediante o emprego de recursos e de instrumentos tecnológicos que contemplem

essa especificidade visual, sendo o registro digital em vídeo uma possibilidade (LEBEDEFF; SANTOS, 2014).

A produção do relatório em vídeo-registro em Libras constitui-se como uma prática de multiletramentos, na qual, exige-se dos produtores e receptores novas ferramentas e habilidades relacionadas à produção de gêneros textuais multimodais, combinando imagens, legendas, vídeos (ROJO, 2012). Para esse processo de gravação e de edição do vídeo em Libras de relatório, foi fundamental a mobilização de recursos proporcionados por câmeras de vídeos, computadores, a atenção a aspectos de iluminação, de planos de filmagem, e inserção de títulos e de imagens. Esse tipo de produção, ao combinar essas diferentes linguagens e, desse arranjo, possibilita a comunicação e significação através de recursos e ferramentas digitais, evidencia que práticas multimodais e de multiletramentos se fazem presentes nas dinâmicas acadêmicas dos Surdos.

Dados o reconhecimento e a necessidade de inserção da Libras nas práticas discursivas e avaliativas dos Surdos, pesquisadores como Marques e Oliveira (2012) e Silva (2019), têm destacado a importância de que os Surdos produzam e difundam conhecimentos e experiências em Libras, por meio do pensamento e registro original possibilitado através da utilização de recursos tecnológicos. Em outras palavras, esses recursos têm possibilitado que os estudantes Surdos e ouvintes tenham um maior acesso à informação e autonomia linguística na construção do conhecimento em Libras, uma vez que existe a possibilidade de registro e divulgação das vídeo-produções originalmente nessa língua.

Finalizada a edição do vídeo, esse material foi compartilhado com a docente responsável pela disciplina para que ela fizesse a avaliação. Após a avaliação, a própria professora entrou em contato com a discente Surda, e por meio do envio de pequenos vídeos, solicitou informações complementares ou que estavam ausentes em seu relatório. Desse modo, refletimos que, por comunicar-se em Libras, a professora possibilitou a interação com a estudante Surda em sua própria língua, fazendo com que a discente refletisse sobre a produção do seu material, sobre o desenvolvimento no estágio e seu processo formativo.

Ao estabelecer esse contato com a estudante Surda por meio de vídeos sinalizados, entre as reflexões propostas pela docente estava a explicação acerca do que vem a ser o gênero relatório de estágio, necessitando descrever o que seria apresentado, com quais objetivos e sua importância para sua formação. Ainda na devolutiva da professora, ela destacou que, ao invés de elencar palavras-chaves

centrais no seu estágio, deveria ser pensado cinco sinais-chaves, o que nos mostra reflexões iniciais sobre a produção do gênero acadêmico relatório de estágio em Libras, ainda que modo embrionário.

A complexidade aqui descrita evidencia que, para além da necessidade da inserção de práticas bilíngues na educação de Surdos, também são primordiais práticas de letramentos contemporâneas que abarquem os multiletramentos. Deste modo, as semioses mobilizadas nessas práticas, atreladas à visualidade da Libras, podem potencializar o letramento acadêmico de Surdos, apropriando-se dessas múltiplas combinações para construir significados.

Especificamente sobre a produção do relatório de estágio, nossas constatações mostram que, apesar da ausência de adaptações metodológicas que contemplassem a inserção reflexiva da Libras nessas produções, verificamos que as escolhas didáticas da docente buscavam, ainda que de modo inicial e/ou inconsciente, refletir sobre a incorporação e legitimação da Libras como língua acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O REAL E O NECESSÁRIO

A inserção da Libras em componentes curriculares como forma de avaliação envolve uma profunda e necessária reflexão, uma vez que demanda planejamento docente, recursos tecnológicos para sua produção e profissionais capacitados para realizar sua avaliação, além de uma reflexão crítica.

Nossas análises evidenciaram que não basta a solicitação da produção de um relatório em Libras e outro em LP para que se caracterize o contexto acadêmico como bilíngue. Assim como destacado por Taveira e Rosado (2018), visualizamos que o processo de produção acadêmica de Surdos envolve a leitura e a consulta de diferentes materiais e produções de leitura em LP, reordenação e produção de pensamento em ambas as línguas, e tudo isso possibilita a produção final em Libras, por meio de procedimentos e estética de criação visual. Isso sim caracteriza a experiência do Surdo como bilíngue no contexto acadêmico, ambiente onde ambas as línguas passem a ser empregadas no processo de significação e construção de conhecimento do aprendiz Surdo, não somente como critério de avaliação.

Como resultado, em suma, no primeiro estágio, por mais que a Libras fosse inserida na avaliação da discente Surda, essa prática não envolveu, necessariamente, uma reflexão acerca de como a língua possibilitaria a

construção e a divulgação do conhecimento pela estudante. Prova disso é que não identificamos orientações e normativas sobre como esse relatório seria produzido e tampouco como seria avaliado. Para o segundo estágio, ainda que de modo inicial, assim como no primeiro estágio, apesar de também não haver normativas quanto à produção e à avaliação, sinalizou-se a necessidade de que houvesse preocupações com a edição desse material, além do retorno da avaliação do relatório por parte da professora, o que possivelmente possibilitou que a estudante refletisse sobre o desenvolvimento do seu estágio e também sobre questões relativas à produção do relatório.

Frente a essas questões, destacamos a necessidade de novas discussões problematizadoras acerca do papel ocupado por cada uma das línguas na formação educacional dos Surdos, considerando a potencialidade dos gêneros emergentes em Libras para o processo de letramento de Surdos, principalmente no âmbito acadêmico. Para tanto, para mais que a inserção reflexiva da Libras e seu uso em práticas escolares por docentes e discentes, são necessárias adaptações curriculares e metodológicas que contemplem essa inserção crítica da Libras como língua acadêmica em termos de produção e avaliação.

REFERÊNCIAS

- BISOL, C.; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, p. 07-13, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/SQkcz9tT9tyhYBvZ4Jv5pfj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 05 out. 2022.
- BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2016.
- FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngue para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educar em Revista**, n. SPE-2, p. 127-150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe.3/0104-4060-er-03-127.pdf> Acesso em: 20 jun. 2022.

FERNANDES, S; MEDEIROS, J. Tradução de Libras no ensino superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos na Universidade Federal do Paraná. In: **Arqueiros/Instituto Nacional de Educação de Surdos**- v. 1, Rio de Janeiro: INES, 2017.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. *Acta Scientiarum- Language and Culture*, v.30, n.2, p. 177-187, 2008. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10136/1/artigo%20Acta%20Scient%202008%202.pdf> Acesso em: 19 mar. 2019.

JACINTO, C. A. **Letramento acadêmico de Surdos**: reflexões acerca das ações implementadas por um projeto multidisciplinar e inclusivo de letramento. 2021. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Letras. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2021.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Student in higher education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998. Disponível em: <https://www.kent.ac.uk/teaching/documents/qualifications/studwritinginhe.pdf> Acesso em: 04 out. 2022.

LEA, M. R.; STREET, B. V. The “academic literacies” model: theory and applications. **Theory into practices**, v.45, n. 5, p. 368-377, 2006.

LEBEDEFF, T. B.; SANTOS, A. N. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1073-1094, 2014.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. DA. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed, reimpressão. Rio de Janeiro: E. P. U., 2017.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: **Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf Acesso em: 14 mar. 2022.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1ª ed.- São Paulo: Parábola, 160 p., 2019.

PEREIRA, D. C. M.; MUNIZ, V. C. Surdos na universidade: questões de letramentos, cultura e identidade. **Pensares em Revista**, n. 6, p. 51-69, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/18429/13734> Acesso em: 28 jun. 2020.

PEREIRA, D. C. M.; MUNIZ, V. C. O universitário surdo: questões de letramentos e de autorrepresentação, *Revista Escrita: PUC-Rio*, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br /28878/28878.pdf> Acesso em: 28 jun. 2020.

QUADROS, R. M. O ‘BI’ em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, v. 1, p. 27-38, 2012.

ROCHA, T. B; MIRANDA, T. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 34, 2009.

Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/273/132> Acesso em:
19 JUL. 2022.

ROJO, R. **Multiletramentos na escola**. ROJO, R.; MOURA, E. (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 264 p., 2012.

SILVA, R. C.; Contribuições da visão sociosemiótica da linguagem e da multimodalidade como apoio à educação linguística de surdos. In: MIRANDA, D. G; FREITAS, L; (org.). **Educação de Surdos: possibilidades e desafios**, p. 61-72, 2019.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras na esfera acadêmica: a prova como foco de análise**. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SILVA, R. C. Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, p. 107-123, 2017. Disponível em:
<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3651/3369>
Acesso em: 20 mar. 2022.

STREET. B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de BAGNO, M. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAVEIRA, C. C.; ROSADO, L. A. S. Monografar em libras: buscando padrões de escrita em vídeo-registros acadêmicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 12, p. 498-529, 2018. Disponível em:
<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/243/132> Acesso em: 30 maio. 2022.

VALADÃO, M. N. *et al.* Experiência de ensino da língua portuguesa por meio de gêneros discursivos para uma estudante surda do ensino superior. **Glauks-Revista de Letras e Artes**, 17 (01), p. 78-96, 2017. Disponível em:
<https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/5/7> Acesso em: 15 set. 2019.

YIN, R. K. **Case Study Research - Design and Methods**. Sage Publications Inc., USA, 1989.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.